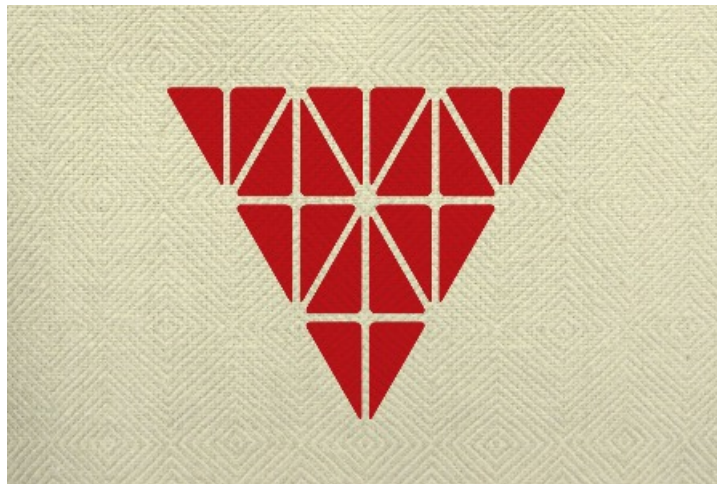


# ***Alegria, alegria:*** ainda a prova dos nove?

## Apresentação

1



André Vallias, “Outra bandeira possível para o Matriarcado de Pindorama” (2017)

Arde, arde, América Latina. E, mais uma vez, arde como imagem ausente, como colapso de projeto e como projeção do colapso. Num momento em que a lógica do desenvolvimento se mostra, novamente, como imposição e perpetuação de uma violência histórica insuportável, isto é, no momento em que a exceção torna-se o modo mais ordinário do exercício do poder e a democracia se configura como o seu semblante; neste momento, pensar criticamente o que seria um espaço próprio, um espaço latino-americano para além dos fatalismos sempre cômodos da melancolia, torna-se uma das tarefas mais urgentes. Pensar a alegria, portanto, como um princípio de montagem de "cenas" de vida ou de sobrevivência que, situadas na América Latina, ganharam a potência de acontecimentos disruptivos que nos

permitiram, muitas vezes, visibilizar a potência e a resistência para além dos fracassos, das mazelas e dos principismos. Em questão estão os modos como o "estético" sempre foi política do sensível, política de vida.

Em torno dessas cenas da alegria de uma vida estética – Alegria, Antropofagia, Aletria – pode ser montada uma imagem limite da América Latina. Se a permanência da barbárie parece se configurar como uma espécie de projeto, a sua crítica e a rejeição da impotência a que parece nos condenar caracterizam-se como um gesto a contrapelo, de extrema urgência, que por sua vez só pode produzir efeitos se articulado com as sobrevivências e os sobreviventes.

Por que dançam os que dançam? E para que dançam? Em que momentos a resistência latino-americana ganhou a dignidade de uma festa? A arte/a literatura já foram cenários dessa alegria? Foram lugares de afeto? Como mapear esses momentos? Com que instrumentos? Com que propósitos?

Ainda e em mais direta referência à “América Latíndia” na tradição da Antropofagia Brasileira de Letras: se a alegria é prova dos nove, como o será “Alegria, Alegria” (a canção), ainda seria possível contrapor a “alegria da senzala” à “tristeza das missões”, cujo avatar, a “estética do frio”, igualmente se contraporaria a ela?

É a partir dessas perguntas que *Landa* abriu sua chamada para trabalhos que abordassem momentos e cenas dessa “prova dos nove” nas artes e na literatura das américas latíndias do mundo. A resposta foi tão generosa que apresentamos com alegria, e brevemente, os textos recebidos e aprovados.

Bruna Machado pensa o longa-metragem *Câncer* sob as trevas do AI-5 e como o encontro entre Glauber Rocha e Hélio Oiticica, um jogo de cena violento e que põe em xeque a posição-função social do/a intelectual. Christy Beatriz Najarro Guzmán e Marcio Luiz Gonçalves D’Arrochella, por sua vez, e com ênfase no disco *Esperanças Mil* (1977), de Bebeto, abordam o modo como o movimento *Black Rio* configurou-se como importante expressão da negritude suburbana carioca. Danichi Mizoguchi e Eduardo Passos analisam o *axé music* como expressão que radicaliza as propostas tropicalistas e antropófagas no contexto da experiência estética

moderna brasileira. Já Daniel Santos da Silva discute o (des)amor, apresentado como tensão coletiva de afetos e expressões subjetivas de um tempo sufocado pelo autoritarismo, em alguns textos de Torquato Neto, Waly Salomão e Jards Macalé. Filipe Manzoni encontra Leonardo Gandolfi e os Trapalhões na igreja barroca, para mapear as ambivalências entre “aura” e “reprodutibilidade técnica” que esse encontro faz surgir. Para evidenciar o sentido histórico preciso da carnavalização bakhtiniana em um romance latino-americano, Gilberto de Oliveira Neto estuda *O outono do patriarca* (1975) e Giovanna de Araujo Leite, em análise de *El país de las mujeres* (2010), apresenta um questionamento da equidade de gêneros como construção utópica e a distopia da exclusão dos homens em todos os espaços públicos, caracterizando-a como uma luta sexista e binarista. Luis e Amanda Veloso Garcia elaboram um diálogo, pautado pela resistência e o confronto que permeiam as vivências ameríndias e amefricanas, entre *Macunaíma* (1928) e a figura central apresentada no disco *Galanga Livre* (2017), de Rincon Sapiência. O texto assinado por Nanci de Freitas aborda a criação teatral engajada de Oswald de Andrade, nos anos 1930, principalmente a peça *O homem e o cavalo* (1933), para analisar suas filiações fáusticas e, finalizando a seção de textos de chamada aberta, Vinícius Ximenes apresenta *Políticas de exhumación. Las clases de los críticos en la universidad argentina de la posdictadura* (1984-1986), livro de Anália Gerbaudo publicado em 2016 que considera a institucionalização dos estudos literários e o trabalho de enunciação na universidade pública em uma perspectiva que busca destacar marcas e resíduos das práticas ditatoriais, não apenas em modos de produção de conhecimento atravessados pela ruptura institucional, mas também em *modos de ler* que foram ensaiados na clandestinidade.

O dossiê “Tempos e Contratempos Festivos: ancestralidade, produção da cidade e subjetivação do Recôncavo da Bahia” apresenta alguns resultados advindos do projeto de pesquisa “Cidades e Festas: As ambivalências do Recôncavo da Bahia”, desenvolvido por um conjunto de professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual da Bahia. Os textos tratam do mundo multiverso de algumas das festas que ocorrem nessa

região, trazendo aspectos sociais, estéticos, históricos, institucionais e patrimoniais. Além disso, o dossiê apresenta articulações entre territórios e cidades, considerando linguagens, tecnologias, símbolos, que são mediadores e geradores de vínculos sociais e novas tensões.

Em “Um discurso breve”, texto que abre a seção “Olhares”, César Aira reflete sobre a leitura, a vanguarda e a tradição em um único parágrafo de oito páginas. Segundo texto de *Evasión y otros ensayos* (2018), apresenta o tom inconfundível do escritor argentino, mesclando agudeza crítica e sarcasmo em primeira pessoa. No segundo trabalho de “Olhares”, Emanuele Leonardi reúne Macedonio Fernández, Borges e Pirandello em ensaio que fornece o que poderia ser a genealogia literária do próprio Aira, na medida em que “de vivífica e irónica deconstrucción se componen los textos de Macedonio Fernández; de esa benéfica y flotante sonrisa desesperada que subleva montañas y libera de pedregosas certezas”. Começa desse modo o texto de Leonardi, que invoca adiante o *lanternino* de Pirandello definido como a chama que nos mantém vivos, assim como o é o humorismo segundo Macedonio, isto é, “o coração latente do próprio pensamento”, o qual se desdobraria de modo único na obra de Borges. No segundo bloco da seção destacam-se dois textos que conversam entre si, desde a conferência de recepção aos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, no início de março de 2020. Nela o professor Jorge Bracamonte, da Universidad Nacional de Córdoba, apresentou “Novela, vanguardia y transculturación en Argentina y en América Latina”, em que pensa a nação e a narração a partir de proposições de Ángel Rama e Ricardo Piglia. Como debatedor da conferência de Bracamonte, Raul Antelo responde ampliando a perspectiva dos discursos de ambos os escritores, que segundo ele ilustram a consolidação do latino-americanismo como disciplina, ao mesmo tempo que estão atravessados pelo espectro da guerra fria e não podem ignorar a teorização do continente como um espaço transnacional, financeiro e comercial. Fechando a seção “Olhares” desta edição, André Fiorussi apresenta “‘Adeus ao Brasil’: um suspiro petropolitano de Julián del Casal”, em que aborda (e traduz) o poema “Adiós al Brasil del Emperador Dom Pedro II”, escrito em 1889 pelo poeta cubano, sob a comoção do desterro do ilustrado monarca.

Na seção “Resenhas”, Miguel Ángel Schimdt Rodriguez apresenta algumas considerações sobre a primeira novela do escritor peruano Christ Gutiérrez-Rodríguez, intitulada *Nosocomium* (Lima: Bisonte & Whaltari Books, 2019, 144 p.).

Para finalizar, na seção “Vária”, com apresentação de Artur de Vargas Giorgi intitulada “A hora dos malditos”, se celebra uma festa: a sessão, ocorrida em 28 de setembro de 2019, do projeto *Quinta Maldita*, criado e sustentado por Demétrio Panarotto. Rememorado como projeto de alegria por *Landa* em tempos pandêmicos, e acompanhando com imagens de Joaquín Correa e Oswaldo Vélez, apresentamos uma seleção de poemas do coletivo *Abrasabarca*, e dos poetas Vitor Ventura Cabreira Pomar, Carlos Eduardo Capela, Virgínia Squizani Rodrigues, Osiris Duarte, Marina Coelho, Lp, Afonso Nilson, Carlos Nogueira, Péda, Micheli Hartmann, Christian von Koenig, Claudia Aguiyre, Demétrio Panarotto, Leandro Scarabelot, George França, Paulino Junior, JARDiM e Grego e Jéferson Silveira Dantas.

5

Agradecemos ao poeta e ilustrador André Vallias pela generosa permissão para o uso da sua imagem “Outra bandeira possível para o Matriarcado de Pindorama” (2017), que compõe a capa desta edição e que consta integralmente no topo desta apresentação. Também agradecemos ao fotógrafo Adenor Gondim, que permitiu que usássemos imagens das suas “Barracas de festas” na composição da capa do dossiê “Tempos e Contratempos Festivos: ancestralidade, produção da cidade e subjetivação do Recôncavo da Bahia”.

A equipe editorial